

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

LUÍS GUSTAVO DA SILVA PESSOA

Os principais impactos da Fake News na campanha de vacinação da Covid-19

São Carlos
[2024]

Luís Gustavo da Silva Pessoa

**TÍTULO: Os principais impactos da Fake News na campanha de vacinação da
Covid-19**

Trabalho Conclusão do Curso de
Graduação em Ciências Sociais do Centro
de Ciências Humanas da Universidade
Federal de São Carlos como requisito
para a obtenção do Título de Bacharel
em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Renilson Rosa
Ribeiro

São Carlos
[2024]

Este trabalho é dedicado a todo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, corpo docente e discente, a quem fico lisonjeado por dele ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a todos que me ajudaram de alguma forma a completar essa jornada, minha família que sempre me incentivou e me ajudou a nunca desistir mesmo nos piores momentos da minha vida.

Agradeço a UFSCAR, que me iniciou na vida universitária, também os professores que nunca desistiram e em especial para o professor Renilson, que provavelmente sem ele não sei se eu teria terminado tudo isso.

E também não posso deixar de agradecer meus amigos, que fizeram parte desta jornada, tanto alguns que conheci no curso e vou levar para a vida, quanto aqueles que já conhecia e com a ajuda deles, depois de tantos altos e baixos, tudo ficou mais fácil.

RESUMO

O presente estudo tem como principal foco abordar o período do Covid-19, que começa em 2020 até o pós-Covid em 2023. O objetivo geral é entender como a fake news e o movimento antivacina influenciaram na campanha de vacinação do Covid-19. Para tanto, definiram os seguintes objetivos específicos: foi necessário uma análise em alguns momentos chaves da saúde brasileira e entender como a fake news e o movimento antivacina sempre estiveram em nossa história. Abordar os principais impactos da fake news na campanha de vacinação da Covid-19 justifica-se porque é necessário entender o que houve aqui para lidarmos com o efeito da fake news que causa danos até hoje na saúde pública. O presente estudo consiste em pesquisa teórica a partir de revisão de literatura e levantamento de dados a partir dos textos e materiais teóricos selecionados tratados de forma qualitativa. Com o levantamento de informações ao longo da pesquisa e da análise das informações, foi possível concluir que a fake news está diretamente ligada a todos os problemas de vacinação durante o Covid-19 e o pós, afetando até mesmo outras vacinas e doenças que antes de 2020 estavam erradicadas.

Palavras-chave: Fake News; Movimento Antivacina; Covid-19.

ABSTRACT

This study focuses primarily on the period of Covid-19, starting in 2020 and extending to the post-Covid period in 2023. The general objective is to understand how fake news and the anti-vaccine movement influenced the Covid-19 vaccination campaign. To achieve this, the following specific objectives were defined: it was necessary to analyze key moments in Brazilian health history and understand how fake news and the anti-vaccine movement have always been present in our history. Addressing the main impacts of fake news on the Covid-19 vaccination campaign is justified because it is essential to understand what happened in order to deal with the effects of fake news, which continue to harm public health today. This study consists of theoretical research based on literature review and data collection from selected theoretical texts and materials, treated qualitatively. With the information gathered throughout the research and analysis of the data, it was possible to conclude that fake news is directly linked to all vaccination problems during Covid-19 and in the post-Covid period, affecting even other vaccines and diseases that had been eradicated before 2020.

Keywords: Fake News; Anti-Vaccine Movement; Covid-19.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pessoas de 5 anos ou mais que não se vacinaram contra a covid-19	28
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS - Órgão Mundial de Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHME - Instituto de Métricas e Avaliação de Saúde

SUS - Sistema único de Saúde

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

SARS-CoV-2 - Coronavírus 2 da síndrome Respiratória aguda grave

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

PNI - Programa Nacional de Imunizações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 - A pandemia Covid-19 no Brasil.....	17
1.1 - As consequências da fake news no período do Covid-19.....	23
2 - O pós-covid.....	26
3 - Metodologia.....	30
4 - Conclusão.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como foco principal mostrar os principais impactos da fake news na campanha de vacinação da Covid-19. Segundo Shimizu (2020, página 8) “A hesitação à vacina é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) uma das dez ameaças à saúde global, pois foi responsável pela queda na cobertura vacinal observada em países de diversas regiões do mundo, e conseqüentemente pela volta de doenças que estavam controladas ou erradicadas”. Sendo assim, é um fator muito importante entender como a pandemia da Covid-19 representou um dos maiores desafios globais das últimas décadas, trazendo impactos para a saúde, economia e a sociedade. Esse cenário catastrófico também amplificou um fenômeno chamado fake news, a proliferação de desinformação durante a pandemia, principalmente em relação às vacinas, que se tornou o principal obstáculo para o controle eficaz da doença, atrapalhando diretamente a adesão às campanhas de vacinação e comprometendo a resposta global à crise.

O movimento antivacina, que já existia antes da pandemia, encontrou um terreno fértil para o seu crescimento nesse contexto de incertezas e medo, a desconfiança em relação à ciência e as autoridades de saúde cresceu justamente por teorias da conspiração e narrativas enganosas criadas com essa intenção e espalhadas rapidamente por redes sociais, inclusive muitas dessas desinformações publicadas pelo chefe de estado daquele período, gerando uma polarização social que só dificultou a implementação das medidas de saúde públicas como também deixou muitas marcas na confiança de uma parte da população nas instituições, persistindo mesmo após o pico da pandemia.

Os impactos da pandemia não se limitam ao período da crise sanitária, no pós-pandemia continuamos a lidar com essas divisões sociais, hesitação vacinal não só apenas do vírus Covid-19 como outras doenças que acabaram ficando em segundo plano por um período e a fake news que hoje em dia ganhou mais força. Assim, o presente estudo partiu de uma necessidade de entender com base em uma

revisão teórica essas questões que não só fragilizam as estratégias da saúde pública como também podem afetar respostas para futuros problemas.

1 - A pandemia Covid-19 no Brasil

O Brasil e seu histórico com crises na saúde pública é marcado por desafios e lições que moldaram a forma como o país leva a vacinação hoje. Tivemos vários exemplos em nossa história de como lidar com tudo; por exemplo: em 1904, uma data que ficou conhecida como a Revolta da Vacina, ocorreu durante um período em que o mundo estava imerso nas transformações da Segunda Revolução Industrial. O Brasil, buscando se adaptar a essas mudanças, começou a implementar reformas significativas. No Rio de Janeiro, que era a vitrine do país, o governo decidiu promover uma remodelação urbana com o objetivo de atrair investidores e turistas internacionais. A cidade, ainda marcada por características coloniais e por surtos de doenças, precisava de uma transformação radical (Sevcenko, 1993).

Para acelerar esse processo, o governo aprovou leis que davam poderes extraordinários ao prefeito, silenciando qualquer forma de resistência por parte da população, até mesmo com o uso da força. Protegido por essas leis, que permitiam invadir, inspecionar, fiscalizar e demolir casas e construções, o sanitarista Oswaldo Cruz iniciou sua campanha para erradicar a febre amarela, em um movimento que ficou conhecido como a “ditadura sanitária” e com mais detalhes que citarei nos tópicos futuros, a consequência foi a reação da população levando a Revolta da Vacina, culpa de uma insensibilidade política, sem um preparo para as pessoas, sem explicações, apenas uma exigência, o que repercutiu negativamente para a vacinação (Sevcenko, 1993).

Após isso tivemos a grande crise da meningite, no ano de 1970, um período onde o Brasil passava pelos anos do “milagre econômico” e dentro de uma ditadura, onde muitas coisas foram sendo ignoradas pelo governo, informações alteradas, mas isso é um ponto que trarei com mais detalhes em tópico futuro. As pessoas mais pobres estavam sentindo os efeitos a algum tempo já que os hospitais estavam começando a ficar lotados e o sistema de saúde começando a entrar em colapso, mas o governo passou a se preocupar a partir desse momento e a doença começou

a afetar vários militares e civis que faziam parte do governo, ligando o alerta e percebendo o total descontrole sobre a doença.

Segundo uma matéria publicada em março de 2009 no portal “A Voz Dissonante”, no ano de 1974, de acordo com registros do Ministério da Saúde, existiram 19.396 casos e nenhum óbito catalogado. Na entrevista, Dr. José Cássio de Moraes, médico epidemiologista, professor adjunto do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Santa Casa de São Paulo, afirma que as autoridades foram informadas que havia uma epidemia de meningite no país em 1971, porém, pôr o Brasil viver a época do “milagre econômico”, o governo considerava a epidemia um fracasso. “As autoridades de saúde negaram a sua existência”, diz ele. A negação perdurou até 1974. Segundo o médico, “só em 1974, no município de São Paulo, foram 12.330 casos; uma média de 33 por dia. No mesmo período ocorreram cerca de 900 óbitos” (Schneider; Tavares; Musse, 2015, p. 07).

Como visto na citação acima, o problema se tornou muito grande para ser acobertado, o hospital de São Paulo chamado Emílio Ribas possuía apenas 300 leitos e em junho já eram mais de 1200 pacientes (Schneider; Tavares; Musse, 2015).

A partir daqui decidiram ir atrás de laboratórios para a produção da vacina, mas em todos obtinham a mesma a resposta de que era necessário pelo menos 1 ano para a produção para o país, o problema é que seria muito tempo para esperar e levaria a um número muito maior de óbitos (Nogueira, 2024).

Após muita procura, um laboratório francês dirigido pelo Charles Mérieux aceitou a demanda e passou a produzir na França e a vacina chegou ao solo brasileiro em 1974. Inicialmente as vacinações foram focadas no Rio de Janeiro e São Paulo, onde a situação já estava mais caótica.

Depois disso tivemos várias outras epidemias em menores proporções, mas tudo foi controlado fazendo com o que o Brasil se tornasse o um dos países com a maior cobertura de vacinação, 99,6%, e junto da China até 2017, com 99,9%, dados do Instituto de Métricas e Avaliação de Saúde (IHME) e da revista The Lancet, mas tudo mudou com as falas do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, que veio a vencer nas eleições de 2018.

A pandemia do Covid19 foi um dos eventos mais impactantes da história do país, desde o primeiro caso registrado em fevereiro de 2020, a forma como o vírus se espalhou causando uma crise na saúde pública nunca antes vista. Sempre foi sabido, por todos os brasileiros, que o sistema de saúde, também conhecido como o Sistema Único de Saúde - SUS, tem alguns problemas, ele não é perfeito, porém sempre funcionou muito bem. Mas a alta demanda de médicos, a superlotação e a falta de equipamentos como tanques de oxigênio em algumas regiões transformaram tudo em uma das maiores crises da história.

Outro ponto que a pandemia escancarou foi algo que todos nós vemos no dia-a-dia, a desigualdade social no país. A parte mais vulnerável do país, comunidades, pessoas que vivem em favelas por exemplo foram as mais afetadas pela doença e pelas medidas de restrição adotadas para conter o vírus. Esse grupo enfrentou problemas extras, como a falta de saneamento básico, o abastecimento irregular de água, a coleta de lixo, a dificuldade em manter o isolamento social devido às condições de vida. (Fleury; Menezes, 2020)

Em todo o Brasil tivemos problemas, o transporte público coletivo é utilizado por boa parte do país para se deslocar diariamente, e a pandemia deixou isso muito pior. Com a necessidade do distanciamento social, empresas onde era possível o trabalho remoto foram entrando nesse sistema e assim muitas transportadoras diminuíram as frotas de trens e ônibus, não se importando se seria o suficiente para quem ainda era obrigado a sair de casa. Com menos ônibus circulando e horários mais restritos, aumentou ainda mais o estresse e a insegurança nesse período (Martin; Bernadinis, 2023).

Portanto, não podemos esquecer que outro fator muito importante foi o impacto econômico, como eu disse anteriormente, a necessidade de implementar medidas de isolamento social, muitos setores sofreram grandes perdas, pequenos negócios foram os primeiros a ruir e as taxas de desemprego aumentaram, de acordo com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) em novembro de 2021 tinham-se mais de 15 milhões de desempregados. Foram implementadas medidas para tentar diminuir os efeitos na população, como o auxílio emergencial, um benefício financeiro temporário destinado às famílias de baixa renda, trabalhadores informais e microempreendedores (Correia; Santos; Brito; Guerra; Vieira; Rezende, 2020).

Dessa forma, foi uma ajuda crucial para garantir o mínimo de sobrevivência para muitas pessoas que perderam seus empregos ou ficaram sem renda e além de implementar medidas de proteção ao emprego, com a flexibilização das regras trabalhistas e a possibilidade de redução salarial e jornada de trabalho, e tudo isso com compensação do governo (Correia; Santos; Brito; Guerra; Vieira; Rezende, 2020), a intenção era evitar demissões e preservar o maior número de empregos.

Durante toda essa crise existia uma segunda pandemia, a pandemia da fake news. Um movimento que não só estava entre as pessoas mas também no próprio governo, já que em 2018 Jair Bolsonaro foi eleito como o presidente, um dos piores momentos da história do país com o pior presidente possível, para ajudar a guiar a população com saúde e segurança.

Segundo Fernandes (2022), muitos discursos negacionistas sobre a doença e vacinas, muitos de seus seguidores acreditando de forma cega em tudo o que ele dizia e atrapalhando de forma veemente o trabalho dos órgãos de saúde brasileiros e fazendo piada com vários pronunciamentos do Órgão Mundial de Saúde (OMS, 2022), além de que desde o início tratou a gravidade do vírus com desdém, a ponto de chamar de uma “gripezinha”.

Ainda, defendeu coisas sem nenhum embasamento científico, como o “tratamento precoce”, que inclui medicamentos como a ivermectina e a hidroxicloroquina que não tinham nenhuma comprovação científica de eficácia contra a Covid-19, mesmo agentes de saúde do governo mostrando que estudos que provaram a eficácia e os riscos desse medicamento ele continuou a promovê-los gerando divisões entre público e os órgãos de saúde (Fernandes, 2022).

Assim, chegamos em um momento em que foi necessário a determinação de lockdown e o presidente foi contra, é uma versão mais rígida do isolamento social imposta pelo Estado, onde todos os estabelecimentos são fechados menos os necessários para viver, como supermercados, farmácias e hospitais, e a restrição de circulação da população. Para Bolsonaro, essas medidas prejudicava a economia, sempre dizendo “a economia não pode parar” (Economia, 2020), só que foi comprovado que isso diminuiu e muito a incidência de casos de COVID-19, a questão é que em países onde ela não foi tão efetiva, como Estados Unidos e Brasil, não entraram em lockdown total (Houvèssou; Souza; Silveira, 2021), onde muitas pessoas ainda precisavam trabalhar.

Após isso temos outro momentos de crise, a gestão das vacinas e da campanha de vacinação, onde futuramente levaria até mesmo a uma CPI mas isso não vem ao caso agora, o governo federal foi acusado de demora na compra e distribuição das vacinas, vários comentários colocando em dúvida a eficácia de vacinas em discursos oficiais, uma postura que alimentou e muito o cenário de *fake news* e o movimento antivacina que ganhou muita força aqui no Brasil nesse período.

A gestão da pandemia no Brasil se tornou um dos pontos centrais nos debates políticos da época com muitas críticas, que inclusive vieram de órgãos internacionais, e o resultado foi uma polarização tão grande quanto a as eleições de 2018, onde uma parte aceitava e concordava com tudo que o presidente dizia sem embasamento e do outro pessoas seguindo as recomendações dos órgãos de

saúde brasileiros e da OMS.

No entanto, apesar das lições aprendidas, essa pandemia evidenciou a força da desinformação, como tudo se espalhava como um vírus através das redes sociais, como isso impactou na vida de milhares de pessoas minando a confiança na ciência e nas instituições.

Levando em consideração os conceitos já apresentados sobre o assunto, pode-se também entender que a fake news é um vírus que não vai sumir com apenas uma “vacina”, como dito, esse movimento ganha cada vez mais força à medida que as redes sociais e plataformas digitais se tornaram espaços dominantes de comunicação. Vemos isso acontecendo o tempo todo, notícias falsas se espalham rápido demais, pessoas acreditam em tudo que leem sem checar a veracidade, um exemplo disso é o que discuto no próximo tópico, como a *fake news* afetou todo um país no meio de uma das maiores crises de sua história.

1.1 - As consequências da fake news no período do Covid-19

O termo *Fake News* é recente mas seu conceito não, a fabricação de informações falsas para manipular a opinião pública, enganar pessoas ou influenciar decisões existe a muito tempo e foi se fortalecendo com o avanço da tecnologia. Na história do Brasil temos exemplos claros onde a desinformação foi usada para virar a população contra o governo, durante a Revolta da Vacina em 1904 a vacinação obrigatória gerou uma onda de boatos e desinformação, todos criadas por pessoas que eram oposição ao governo da época e figuras públicas respeitáveis que eram contra a vacinação, os discursos eram muito parecidos com o que temos até hoje: o direito de liberdade à escolha do cidadão, críticas a obrigatoriedade da vacinação e sempre colocando a vacina como um “veneno” (Shimizu, 2018).

A falta de informação clara e acessível, junto da vacinação obrigatória fez esses rumores ganharem muito poder, resultando numa resistência violenta por parte da população, a revolta foi um resultado do autoritarismo da época e do medo gerado pela desinformação.

Da mesma forma, não podemos esquecer a crise da meningite em 1970, a desinformação foi usada pelo governo numa tentativa de esconder a gravidade da epidemia, minimizando os relatos sobre o surto criando um ambiente de desconfiança, onde informações distorcidas e boatos se espalharam, piorando a situação (Nogueira, 2024). A falta de transparência pelo governo e a manipulação de informações contribuíram para dificultar uma resposta efetiva à crise.

A *fake news* pode ser vista como um fenômeno da comunicação, política e social, o termo se popularizou em 2016, durante a campanha presidencial de Donald Trump e Hillary Clinton e após as eleições ganhou mais força pela facilidade e seu poder de propagação ainda mais no ambiente digital (Castillo; Santos; Castro, 2020)

e não podemos esquecer de como ela afetou as eleições para presidência no Brasil em 2018.

Em 31 de dezembro de 2019, foram encontrados em Wuham, China, 27 casos de pneumonia de etiologia desconhecida, em janeiro de 2020, uma análise das amostras do trato respiratório inferior encontrou um novo coronavírus, SARS-CoV-2, que veio a ser chamado de Covid-19. A infecção era tão rápida que o primeiro caso fora da China foi encontrado em Bangkok, Tailândia no dia 13, e em 30 de janeiro a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou um surto de Covid-19 como emergência de Saúde Pública de interesse internacional, alertando países com o sistema de saúde mais vulneráveis sobre o alto risco de infecção e em 21 de agosto de 2020 eram 21.294.845 casos confirmados e 761.779 mortes, considerando todos os países (Houveessou; Souza; Silveira, 2021).

No Brasil o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro, em 15 de abril tínhamos mais de 25.000 casos confirmados e mais de 1.300 mortes (SANAR, 2020), nesse período boa parte do país já estava parado, escolas e faculdades já não estavam funcionando, mas ainda tínhamos muitas pessoas trabalhando presencialmente e se arriscando, muitos por necessidade e outros por culpa de discursos negacionistas, fazendo com que em 13 de agosto o país atingisse mais de 3 milhões infectados e mais de 100.000 mortes (SANAR, 2020).

Durante o período da pandemia COVID-19, *fake news* tiveram consequências devastadoras que se espalharam tão rápido quanto o próprio vírus, causando confusão, medo e tragicamente custando vidas.

Em um momento de incertezas, onde o conhecimento sobre o vírus ainda era limitado e as informações mudavam constantemente, a *fake news* se tornou uma outra pandemia, e o maior problema nesse caso era que não só existiam grupos que negavam a eficácia da vacina mas também por figuras públicas como o presidente Jair Bolsonaro.

A primeira vacina contra o COVID-19 que recebeu aprovação foi desenvolvida pela indústria farmacêutica Pfizer e aprovada no Reino Unido no início de 2020. No Brasil, apenas quatro vacinas foram autorizadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA,2021) sendo elas: CoronaVac, AstraZeneca, Pfizer e Janssen com a pandemia centralizando as notícias, muitos grupos contra a imunização disseminavam questionamentos sobre a eficácia da vacina ou qualquer assunto relacionado ao COVID-19.

Ainda, a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou o termo “infodemia” para a segunda epidemia de desinformação, que estava acontecendo em massa causada por notícias falsas (Galhardi; Freire; Fagundes; Minayo; Cunha, 2022). A Infodemia difere da Fake News no sentido em que é um excesso de informações, corretas ou erradas, tornando difícil encontrar fontes confiáveis e corretas quando necessário (OMS, 2020).

Outro ponto, é o efeito das redes sociais nisso tudo, um estudo feito pelo aplicativo Eu Fiscalizo, dos autores Galhardi, Freire, Fagundes, Minayo e Cunha mostra um índice de desinformação da vacina CoronaVac no Facebook de 62,5%, Whatsapp 18,8 e Instagram e X(Twitter) 6,3% e sites 6,1%.

Ela o considera a vacina mais atacada comparada com as outras, Oxford que apresentou desinformação 40,0% em sites, 40,0 no Facebook e 20,0% no instagram e a Pfizer demonstrou 50,0% em sites e 25% no Facebook e 25% no Instagram (Galhardi; Freire; Fagundes; Minayo; Cunha, 2022).

No fim, cabe às pessoas adotarem uma postura responsável no consumo e compartilhamento dos conteúdos digitais, somente assim, com essas abordagens colaborativas será possível mitigar qualquer dano que a fake news possa causar.

2 - O pós-covid

No Brasil, a situação das fake news no pós-pandemia da COVID-19 tem se mostrado preocupante, com implicações significativas na sociedade e na política. Esse fenômeno contribuiu e muito para a manutenção dos movimentos negacionistas e o enfraquecimento de campanhas de vacinação contra outras doenças, como o sarampo e a poliomielite, que voltaram a preocupar especialistas. O índice de vacinação nesse período de pós-covid, entre 2021 e 2023, foi um dos menores dos últimos 20 anos, a média nacional ficou em 52,1% de cobertura (Albuquerque, 20223). Um país onde até 2016, tínhamos mais de 70%.

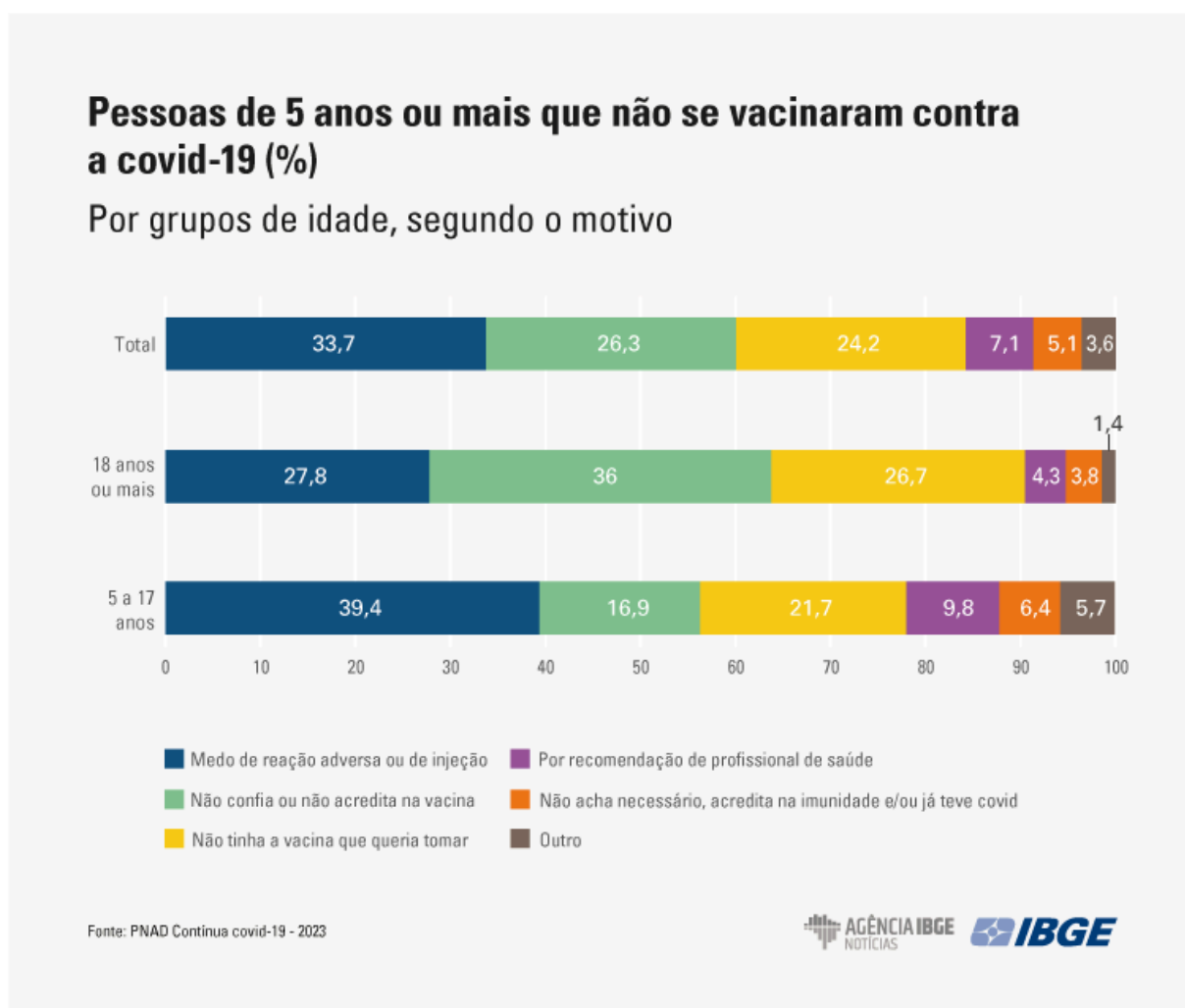
A coordenadora da Assessoria Clínica do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos da Fundação Oswaldo Cruz (Bio-Manguinhos/Fiocruz) e do Projeto de Reconquista das Altas Coberturas Vacinais, Maria de Lourdes Sousa Maia, enfatiza que não existe apenas uma causa para esse acontecimento, segundo ela, algumas doenças que não estão aparecendo tanto dão a ilusão de que estão completamente eliminadas e a sociedade passa por momentos diferentes que interferem nesse movimento.

“E hoje a sociedade é movida por fake news. Temos profissionais de saúde também desacreditando da eficiência da vacina e ajudando a propagar essa ideia. Junto a isso temos a ausência de doenças no país, exatamente por termos sempre altas coberturas vacinais, e as mães com outras preocupações que ocupam lugar. Para melhorar isso, é preciso um movimento estruturante no território, que é onde as coisas acontecem, com os profissionais sendo protagonistas desse papel e o secretário, o município, assumindo isso. Ou seja, um controle social mais efetivo para que a gente possa realmente retomar o caminho” (Maria de Lourdes Sousa Maia em matéria para o Agência Brasil em 04 de Abril de 2023).

Toda a campanha bolsonarista anti-vacinação, fez com que o movimento anti-vacina tivesse muito influencia mesmo após o Covid, era muito comum naquele período, se você reclamasse de algum mal estar, alguma dor, outras pessoas te perguntavam primeiramente qual vacina você tomou, sintomas que não tinham nada a ver com qualquer coisa divulgada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Em uma pesquisa feita pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) em conjunto do Ministério da Saúde e divulgada pelo IBGE em 25 de maio de 2024, pegando o período do primeiro trimestre de 2022 até o primeiro trimestre de 2023, mostra que 88,2% da população de 5 anos ou mais teria tomado pelo menos duas doses da vacina contra o Covid-19; 71,2% para pessoas de 5 a 17 anos e de 92,3% para pessoas acima de 18 anos. E 14,8% das crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos não teriam tomado nenhuma dose até o momento da pesquisa e o principal motivo para isso era a alegação da falta de tempo, seguido por “não achar necessário” ou não confiar na vacina, totalizando 54,7% do grupo em questão. E em relação ao grupo que não tomou nenhuma dose, a justificativa entre os adolescentes era o medo da reação adversa e entre os adultos não confiavam/acreditavam na vacina, o que torna tudo isso ainda mais sério.

Quadro 1: O quadro abaixo mostra a divisão de pessoas de 5 anos ou mais que não se vacinaram contra a covid-19, feito pelo PNAD em conjunto ao IBGE.



E isso se alastrou para outras áreas, em uma pesquisa feita pelo portal Butantan mostram que mais de 60% dos municípios brasileiros não atingiram as metas de cobertura para as vacinas do calendário infantil em 2023 (Pinelli, 2024), e o mais preocupante é que mesmo esses números baixos, ainda é um pouco melhor que 2022, pois o total de cidades que alcançaram o índice em 2023 foi para 2.100, e em 2022 estava com 1.745, e de acordo com o IBGE, temos 5.568 municípios espalhados por todo o território (Pinelli, 2024).

A influência do movimento antivacina cresceu muito após a pandemia do Covid-19, justamente junto da “epidemia” de fake news, não é coincidência que

tivemos nossos piores números em relação a imunização nesse período. Durante as eleições de 2022, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, afirmou que o TSE recebeu mais de 500 alertas diários sobre fake news relacionados à eleição, foi passado para análise 12.573 casos de suspeita de desinformação, se comparado com as eleições municipais de 2020 com 752 casos, houve um aumento de 1.671% (Vivas, 2022).

As consequências dessa desinformação vão muito além da saúde pública, o Brasil se tornou um ambiente altamente polarizado politicamente nos últimos anos, a discussão sobre a gravidade da pandemia e a segurança das vacinas foi levada para o lado dos movimentos políticos e reformulada na forma de pautas identitárias. Movimentos populistas de extrema direita se entrelaçaram com movimentos caracterizados por uma desconfiança da ciência, que é o caso do movimento antivacina, não é atoa que muitos políticos de opiniões duvidosas vem ganhando força nos últimos anos (Ortellado, 2023).

Outra questão é a quem interessa essa proliferação de fake news no Brasil, quais os motivos. O material de grande impacto circulando pela maior parte das pessoas claramente é fabricado por pessoas que sabem o que estão fazendo (Escobar, 2023). Não existe somente o interesse político mas é claro o interesse econômico, pois, segundo Natália Pasternak, a desinformação na área da saúde é um fator estratégico para vendas de cursos, livros, consultorias, vitaminas, suplementos e outras “terapias alternativas”, além da monetização de conteúdo nas redes sociais. Existe um mercado que lucra com a desinformação (Pasternak, 2023).

3 - Metodologia

O presente estudo consiste em pesquisa teórica a partir de revisão de literatura e levantamento de dados a partir dos textos e materiais teóricos selecionados, que visa estudar os efeitos da fake news na vacinação e a descrença nas autoridades da saúde durante o período 2020-2023 durante e o pós-covid.

Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, incluindo artigos do Google Acadêmico, o Scielo, a Fiocruz, e por ser um assunto muito recente, acabei decidindo por autores que fizeram seus últimos trabalhos focando nesse período do Covid-19, como artigos da autora Natiely Rallo Shimizu, Marcia de Andrade Pereira Bernardinis que analisou o impacto do Covid-19 no transporte público, como foram os efeitos nas periferias com o artigo da Sonia Fleury, entre outros que estão começando a estudar todos os efeitos do Covid-19 no Brasil..

Categorizei todas as informações tentando mostrar como o Brasil agiu em crises sanitárias em sua história, para depois mostrar os efeitos do Covid-19 e quais os efeitos da desinformação.

4 - Conclusão

A proliferação de fake news não impacta apenas a vacinação, afeta também a confiança da população nas instituições. Sempre tivemos o Programa Nacional de Imunizações (PNI) com reconhecimento internacional, por muito tempo fomos referência no assunto, até a chegada dessa onda de desinformação. Passaram a duvidar de órgãos como o Ministério da Saúde, a Anvisa e a Fiocruz, instituições referência na área.

Diante deste cenário, vários projetos de leis vêm sendo discutidos no Congresso Nacional para a regulação e responsabilização de plataformas de comunicação pela propagação de fake news, gerando um debate no país onde especialistas defendem que redes precisam ser mais ativas no combate a fake news

e do outro políticos e grupos ligados ao setor empresarial argumentam que isso pode ser uma forma de censura.

O que não podemos fazer é ignorar o poder que plataformas como o WhatsApp, Telegram, Facebook e Youtube têm, se tornaram os principais canais de disseminação de notícias falsas e mecanismos dessas redes priorizam o engajamento, favorecendo conteúdos sensacionalistas e com informações erradas. Mesmo tentando criar mecanismos para reduzir esse efeito, como selos de verificação ou notas de rodapé da própria comunidade, não é tão efetivo quanto parece pois muitas figuras públicas ou influenciadores acabam divulgando notícias tendenciosas sem qualquer tipo de punição.

Diante desse cenário, um dos caminhos mais eficazes é a educação midiática e científica, a população precisa ser alfabetizada nesse sentido para antes de qualquer compartilhamento de informação fazer pelo menos uma checagem, já que os métodos de segurança nessas redes sociais ainda não são tão efetivos, questionar a informação e sempre buscando fontes confiáveis, existem projetos em várias escolas pelo Brasil ensinando crianças e adolescentes.

Já no caso de adultos e idosos, o combate a fake news precisa de estratégias mais específicas já que esses grupos costumam consumir informações de formas diferentes. Além é claro do programa de educação midiática também para essa faixa etária, o governo precisa também trabalhar em áreas como rádios, que ainda é muito utilizado por essa faixa etária, uma pesquisa feita pela Kantar IBOPE Media, mostrando que a maior parte dos seus usuários tem mais de 40 anos (Favaro, 2024). E também uma comunicação do governo diária em rede nacional, sempre com o presidente da república desmentindo e explicando todo tipo de informação falsa e mal intencionada.

No fim, combate a fake news exige um esforço contínuo e adaptado a todos os públicos, é preciso oferecer formas acessíveis e confiáveis para que essas

peças busquem a verdade e assim rever os danos causados à confiança da população na ciência e saúde pública.

REFERÊNCIAS

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa>. Acesso em: 22 de agosto de 2024.

Albuquerque, Flávia. Brasil atingiu em 2021 menor cobertura vacinal em 20 anos: Média nacional ficou em 52,1%. <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-08/brasil-atingiu-em-2021-menor-cobertura-vacinal-em-20-anos>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BUTANTAN. A Meningite - As Grandes Epidemias. (7min17seg). 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PtU22ckhBEQ>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CASTILLO, Sofia Isabel Vizcarra; SANTOS, Débora de Oliveira; CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de. Fake News no contexto da pandemia de COVID-19: considerações a partir da cultura política. Rizoma, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 165-184, 5 jan. 2020. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v1i1.15435>.

CORREIA, Daniele; SANTOS, Aila Fernanda dos; BRITO, Kelly Paula do Amaral; GUERRA, Lúcia Dias da Silva; VIEIRA, Kleber José; REZENDE, Cynthia Leci de Souza. Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19. Jmphc | Journal Of Management & Primary Health Care | Issn 2179-6750, [S.L.], v. 12, p. 1-9, 26 out. 2020. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/jmphc.v12.1023>.

Desemprego chega a 14,7% no primeiro trimestre, maior desde 2012. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30793-desemprego-chega-a-14-7-no-primeiro-trimestre-maior-desde-2012-e-atinge-14-8-milhoes-de-pessoas>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ECONOMIA não pode parar por causa do novo coronavírus, diz Bolsonaro. CNN Brasil, São Paulo, 20 de mar. de 2020. Política. Disponível em

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/20/economia-nao-pode-parar-por-causa-do-coronavirus-diz-bolsonaro>. Acesso em: 24/09/2024.

ESCOBAR, H. (2023, novembro 8). Desinformação científica: uma pandemia de mentiras. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/atualidades/desinformacao-cientifica-uma-pandemia-de-mentiras> / Acesso em: 18 de jan. 2025.

FAVARO, A. (2024). Em sintonia com a transformação do rádio e do áudio na era digital. <https://kantarihopemedia.com/inside-audio-2024/?submissionGuid=59a5c8a5-cbd0-440d-9234-e55c2cffb1eb>. Acesso em: 20 de jan. 2025.

FERNANDES, Laura. Movimento Antivacina no Brasil: entenda esse fenômeno e seu fortalecimento durante a pandemia. *Revista Saúde em Foco*. Vol. 10, nº 05. Rio de Janeiro/Rj, 2022, p. 1 – 10.

FLEURY, Sonia; MENEZES, Palloma. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em Debate*, [S.L.], v. 44, n. 4, p. 267-280, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042020e418>.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; FAGUNDES, Maria Clara Marques; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CUNHA, Isabel Cristina Kowal Olm. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 27, n. 5, p. 1849-1858, maio 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021>.

HOUVÈSSOU, Gbènkpon Mathias; SOUZA, Tatiana Porto de; SILVEIRA, Mariângela Freitas da. Medidas de contenção de tipo lockdown para prevenção e controle da COVID-19: estudo ecológico descritivo, com dados da África do Sul, Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália e Nova Zelândia, fevereiro a agosto de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 1-12, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742021000100025>.

Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. (2020, March 19). Sanarmed; Sanar. <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em 24/09/2024.

Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta de cobertura para vacinas do calendário infantil em 2023. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023>>.

MARTIN, Jaqueline Andressa; BERNARDINIS, Márcia de Andrade Pereira. ANÁLISE DOS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 NO TRANSPORTE PÚBLICO POR ÔNIBUS NO BRASIL. Revista Foco, [S.L.], v. 16, n. 10, p. 1-26, 6 out. 2023. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.54751/revistafoco.v16n10-037>.

NOGUEIRA, Kleiton Wagner Alves da Silva. Entre o passado e o presente: a presença militar no âmbito da gestão de crises sanitárias no Brasil. Germinal: marxismo e educação em debate, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 364-387, 30 maio 2024. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v16i1.58914>.

OMS, Organização Mundial da Saúde. OMS decreta pandemia do novo coronavírus. Zurique/Suíça, 2020.

OMS, Infodemia. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ORTELLADO, P. (2023, novembro 8). [Entrevista de J. da USP]. <https://jornal.usp.br/atualidades/desinformacao-cientifica-uma-pandemia-de-mentiras> / Acesso em: 18 de jan. 2025.

PASTERNAK, N. (2023, novembro 8). [Entrevista de J. da USP]. <https://jornal.usp.br/atualidades/desinformacao-cientifica-uma-pandemia-de-mentiras> / Acesso em: 18 de jan. 2025.

PINELLI, N. (2024, fevereiro 23). Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta de cobertura para vacinas do calendário infantil em 2023. Portal Butantan. <https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SCHNEIDER, C. M.; TAVARES, M.; MUSSE, C. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 9, n. 4, 2015. Disponível em: [https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/995#:~:text=Paulo%20e%20O%20Globo%20sobre,%E2%80%9D%20\(1968%2D%201972\)](https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/995#:~:text=Paulo%20e%20O%20Globo%20sobre,%E2%80%9D%20(1968%2D%201972)). Acesso em: 15 ago. 2024.

SEVCENKO. N. A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 1993.

SHIMIZU, N.R. . Movimento antivacina: a memória funcionando no/pelo (per)curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e urbana. v.5, ano 5, outubro de 2018. Revista do EDICC - ISSN 2317-3815. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5963> Acesso em: 27/07/2024.

SHIMIZU, N.R. . 'Relações de sentido sobre a vacinação no Facebook'. 2021. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILVA, Lara Livia Santos da; LIMA, Alex Felipe Rodrigues; POLLI, Démerson André; RAZIA, Paulo Fellipe Silvério; PAVÃO, Luis Felipe Alvim; CAVALCANTI, Marco Antônio Freitas de Hollanda; TOSCANO, Cristiana Maria. Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. Cadernos de Saúde Pública, [S.L.], v. 36, n. 9, p. 1-15, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00185020>.

VIVAS, M. F. F. (Org.). (2022). TSE recebe mais de 500 alertas diários de fake news no segundo turno das eleições. Globo. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/20/tse-recebe-mais-de-50>

0-alertas-diarios-de-fake-news-no-segundo-turno-das-eleicoes.ghtml. Acesso em: 21 jan. 2025.